



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 03, pp. 44957-44962, March, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21314.03.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

O LUTO NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Ellen Fernanda Klinger¹, Fábio Jesus Miranda² and Daniela Ponciano Oliveira^{3*}

¹Departamento de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi.

²Departamento de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Goiás.

³Departamento de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará.

ARTICLE INFO

Article History:

Received 04th December, 2020

Received in revised form

06th January, 2021

Accepted 14th February, 2021

Published online 15th March, 2021

Key Words:

Luto, Morte, Criança,
Psicologia, Comunicação.

*Corresponding author:

Daniela Ponciano Oliveira

ABSTRACT

Em situações de luto na infância pela perda causada por falecimento surgem questionamentos sobre a compreensão que a criança tem da morte e consequências do luto não elaborado. Por meio da revisão bibliográfica sistemática, este artigo visa construção de informações das produções científicas publicadas nos últimos dez (10) anos acerca dos enfoques mais explorados nas pesquisas da temática luto e criança, os impactos do luto não elaborado e as estratégias de intervenção. Os resultados sugerem estudos acerca: das adaptações de instrumentos para crianças; dos sintomas e desdobramentos do luto na infância no desenvolvimento como estresse pós-traumático; da importância das redes de apoio e do trabalho preventivo. Abordar e trabalhar com esse tema é tarefa delicada, por tal razão, é importante a realização de estudos e intervenções preventivas junto à comunidade e às escolas, com ampliação de diretrizes que não foquem somente a criança, mas também na família enlutada.

Copyright © 2021, Ellen Fernanda Klinger et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Ellen Fernanda Klinger, Fábio de Jesus Miranda and Daniela Ponciano Oliveira. "O luto na infância: uma revisão sistemática", *International Journal of Development Research*, 11, (03), 44957-44962.

INTRODUCTION

O luto é um processo inevitável, mas vivenciado de modos diferentes, seja quanto ao seu tempo de duração, sua intensidade e ao momento do seu surgimento. Em decorrência da morte de quem se ama, o luto pode ser vivenciado de modo assustador e desorganizado. Na realidade, é um processo que envolve diferentes momentos e percepções até que se consiga elaborá-lo, passando por questionamentos e reflexões. Assim, a vida então passa a ser repensada, as relações tendem a ser refeitas, nada mais é como era antes e, nesse sentido, há uma transformação na identidade pessoal do enlutado. Se o enlutado não passar por este processo, corre o risco de ficar preso à perda não elaborada, nutrindo o sentimento de vazio interior, de algo muito importante perdido (Peres, 2003). Apesar do receio presente em muitas culturas em relação à morte, Franco e Mazorra (2007) assinalam que há vida no luto, que existe esperança de transformação e, ainda, que a possibilidade de recomeçar a vida e o viver adveem de pequenos e grandes lutos. É um processo individual e social, em que os fatores culturais também moldam a maneira como cada um reage à perda, bem como cada pessoa desempenha seu papel na construção da realidade. Assim, o luto é entendido quando combinado numa situação geográfica, temporal e de grupo (Andrade, Mishima-Gomes & Barbieri, 2018).

A experiência do luto é, contudo, um desafio para quem a vivencia e, quando se trata de crianças, pode ser ainda mais difícil e complicado. É compreensível, que o luto para o adulto provoca uma desorganização psíquica, no entanto, quando se refere à criança, pode, então, ser mais desorganizador, já que ela se encontra em desenvolvimento psíquico e emocional (Leandro & Freitas, 2018). Existem diferentes perspectivas que discutem e trazem colaborações para a compreensão do enlutamento da criança. Algumas relacionam a compreensão da morte ao desenvolvimento cognitivo da criança até a adolescência (Torres, 2012), outras aos aspectos emocionais e vínculos de apego da criança com o ente falecido, considerando que as perdas na infância têm consequências psíquicas mais severas (Bowlby, 2004/ 1985). Há, ainda, perspectivas que enfocam os aspectos intrapsíquicos e a predominância dos conteúdos fantasmáticos (Klein, 1996) e, outras que dão ênfase no ambiente e no papel determinante dos cuidados e experiências precoces, para a constituição psíquica e as formas como o indivíduo se relaciona com as faltas (Winnicott, 2000).

A morte é parte inevitável do processo maturacional, mas, para que isso ocorra, é preciso que o indivíduo tenha tido um início saudável (Winnicott, 2005/ 1958; 1989). Registrada por Winnicott numa espécie de diário que se encaminhava para uma autobiografia, num momento de reconhecimento da proximidade da morte, a célebre

frase “Oh, God! May I bealivewhen I die” (Deus! Que eu esteja vivo quando eu morrer) dá indícios do posicionamento do autor sobre o viver e morrer: a morte pode acontecer em vida, quando o sujeito se encontra esvaziado do sentido de ser/existir. Winnicott (2000) aborda a natureza humana no que concerne ao amadurecimento inato, favorecida, ou não, pelo ambiente em que cada indivíduo está inserido. Este ambiente, inicialmente, é representado pelos cuidados maternos e pelo contato progressivo com o ambiente familiar, social e cultural. Para essa gradativa aproximação e alongamento das interações sociais, primeiramente o referido teórico traz uma teoria que se baseia na premissa de que, no desenvolvimento sadio, o bebê vai amadurecendo interações e tarefas que vão se tornando mais complexas. Dessa maneira, a criança passará da dependência total à dependência relativa e, finalmente, à sua independência. A independência implica que o sujeito se responsabilize pelas suas escolhas, suas ações e suas palavras. O amadurecimento e o se tornar adulto implicam em continuar a amadurecer e permanecer vivo emocionalmente, pois para Winnicott, a vida não se restringe ao sentido de funcionamento do corpo. Quando o trabalho de luto acontece, a partir do processo de elaboração, o indivíduo passa a diferenciar o *self* do objeto, a realidade da fantasia. O luto experienciado ao longo da vida, em razão das mais diversas perdas pelas quais o ser humano passa, é um dos processos mais importantes na constituição do sujeito, sendo que as formas como as perdas são vivenciadas e elaboradas é o que constrói esse sujeito. Entretanto, quando a perda da criança é referente à morte de um ente querido, o luto ganha outros contornos. A morte de alguém amado ou uma grande perda não são de todo superadas ou esquecidas, pois nada poderá ocupar o lugar deixado vazio. Apesar disso, são encontradas no luto saudável algumas condições de o sujeito se repositivar subjetivamente, frente à situação, e de ele reestabelecer sua vida e as demais relações. Diante do exposto, o questionamento para quais objetos de estudo acerca do luto durante a infância as pesquisas têm se voltado na última década é o objetivo desta investigação. Neste sentido, portanto, este artigo pretende apresentar como a morte e o luto na infância são abordados nas publicações, quais são os impactos atribuídos ao luto não elaborado em crianças e quais as estratégias de intervenção que estão sendo propostas.

METODOLOGIA

A Para fins deste trabalho foi realizada a busca bibliográfica dos estudos publicados que trataram o tema deste artigo, disponíveis pelo acesso vinculado à CAFE, Comunidade Acadêmica Federativa, nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos CAPES e SCOPUS. Na busca, os descritores “Luto” e “Criança” e/ou “Grief” e “Child” foram utilizados de modo combinado, empregando o operador booleano AND. As bases foram configuradas para localizar as referências que apresentavam os descritores supracitados entre as palavras-chave e/ou no resumo, com o objetivo de viabilizar um alcance de resultados mais precisos. Nas publicações em inglês, optei pelo termo *grief* para designar luto, visto corresponder às respostas emocionais, psicológicas, cognitivas e comportamentais em relação à perda, embora também possa ser traduzido como tristeza ou dor. As buscas ocorreram no mês de abril de 2020, tendo como critérios de inclusão textos de artigos científicos publicados de 2010 a 2020, em português, inglês e espanhol, que abordassem a temática luto na infância e estivesse relacionado à estudos com intervenções psicológicas com crianças enlutadas, sem, contudo, restringir a abordagem teórica, uma vez que o interesse estava fixado ao conhecimento das pesquisas voltadas ao tema, nos últimos 10 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foram encontrados sessenta e oito (68) artigos na base CAPES e quarenta e quatro (44) na base SCOPUS, que se enquadraram nos critérios de inclusão, abordando Luto, Morte e Crianças. Após a leitura dos resumos foram identificados dez (10) e quinze (15) artigos nas bases citadas, respectivamente, totalizando vinte e cinco (25) publicações. Ressalta-se que, ao longo da apresentação dos resultados, os artigos são indicados pelo seu

numeral, conforme pode ser visualizado na Tabela 1. Dentre os artigos selecionados, foi observado que nos anos de 2019, 2018 e 2011 houve um maior número de publicações, tendo sido quatro em cada ano. Das publicações encontradas, oito tratam da avaliação de protocolos e escalas específicas para o luto (3, 4, 6, 7, 10, 11, 12 e 16); nove artigos se referem à revisão (9, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22 e 25); sete avaliam os sintomas e a repercussão do luto infantil no desenvolvimento (1, 2, 5, 8, 11, 19 e 22); e dezenove abordam a importância das redes de apoio (2, 3, 4, 6, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25). Nos resultados e discussões das publicações selecionadas, destacam-se a compreensão do luto e o falar sobre a morte como processo complexo e cercado de inseguranças, havendo influência dos fatores culturais. Referente ao receio acerca da abordagem da morte com as crianças, sobre as fases do desenvolvimento humano e sobre o processo de enlutamento infantil é consenso entre os autores que a criança percebe e sente a morte como ausência da pessoa falecida. No processo de elaboração do luto pela criança, família, a escola e as redes de apoio em saúde e assistência social têm papel imprescindível no auxílio após as perdas por morte.

Luto na infância e comunicação com a criança: Desde o nascimento até o fim da vivência, os seres humanos enfrentam situações de vínculos e separações, estando inclusas nessa última a morte de alguém importante em suas vidas. A maneira como a morte ocorre é considerada um determinante na elaboração do luto, podendo se tornar uma das experiências mais marcantes que se pode vivenciar. Lidar com o luto é sempre um desafio para aqueles que o experimentam e, quando se tratam de crianças, pode ser ainda mais difícil. Se o luto já é um estado de desordem psíquica para um adulto, para uma criança pode, então, ser mais desorganizador, já que elas se encontram, ainda, em um processo de desenvolvimento psíquico e emocional (Leandro & Freitas, 2018). Ao investigarem acerca do luto em crianças diante da morte do genitor, Franco e Mazorra (2007) levantaram a hipótese de que há algumas fantasias (reparatórias) que refletem processos elaborativos do luto, enquanto outras (de culpa de caráter persecutório) estão associadas à complicação da elaboração. A existência dessas fantasias pode ser um indicativo para o diagnóstico do luto da criança. Mas os autores ainda identificaram um terceiro grupo de fantasias que parecem ter uma função de defesa, talvez necessária, em um primeiro momento de elaboração do luto e, dessa forma, importante para que ocorra a elaboração, em um segundo momento. Entretanto, afirmam, se a defesa se prolonga indefinidamente, a perda não pode ser elaborada. A criança sente vontade de estar com a pessoa que faleceu e deseja sua volta. Quando ela se dá conta de que isto não acontecerá, pode torna-se retraída. Posteriormente, ela passa por uma fase de distanciamento em que começa a desinvestir o afeto àquele que se foi e sobrevém a preocupação por outras coisas. No início do luto, a criança poderá sentir obrigação de encontrar alguém que substitua a pessoa que morreu e esse sentimento poderá ser transferido para outros adultos. Isso é importante para a criança e deve ser respeitado para o equilíbrio psicológico da mesma (Schubert, 2017). Diante de sua maior dificuldade cognitiva e emocional instalada pela perda, a concepção do luto, pela criança, é autuada no decorrer da estruturação psíquica, em diversas situações ao longo de sua vida, à medida que ela vai podendo dar significado ao que viveu (Parkes, 1998; Worden, 2013). Ao se falar em morte, luto e infância, o sentido dado pela criança à morte vai sendo modificado conforme: a sua idade; o vínculo constituído com a pessoa falecida; o momento de seu desenvolvimento psicológico; além de como o adulto, com quem ela vive, lida com a perda e transmite a informação (Bromberg, 2000; Lima & Kovács, 2011). Na comunicação de um falecimento à criança há de se considerar que ela possui capacidade compreensiva a respeito da vida e da morte, que ela percebe e sente a morte como uma falta, mas, no entanto, é importante saber que existem aspectos voltados à fase de seu desenvolvimento com relação ao entendimento sobre a dimensão da morte. Desse modo, quando o adulto tenta esconder o assunto da perda, a criança tende a manifestar sintomas, referentes a essa falta de diálogo compreensivo, que podem se caracterizar pelo sentimento de confusão e desamparo (Hernando, Gómez & Enríquez, 2015).

Table 1.

Ano	Autor(es)	Título	Base
2020	1. Burns, Griese, King & Talmi	Luto na infância: Entendendo a Prevalência e Adversidade Relacionadas aos Estados Unidos	SCOPUS
2019	2. Rostila, Berg, Saarela, Kawachi & Hjern	Experience of sibling death in childhood and risk of psychiatric care in adulthood: a national cohort study from Sweden	SCOPUS
2019	3. Horn & Govender	Evaluating a grief programme offered in primary schools: An appreciative inquiry	SCOPUS
2019	4. Weber, Alvariza, Kreicbergs, & Sveen	Adaptation of a Grief and Communication Family Support Intervention for Parentally Bereaved Families in Sweden	SCOPUS
2019	5. Menaes & Taibo	Psychosocial effects on children and adolescents indirect victims of intimate homicide of their mother	SCOPUS
2018	6. Howard Sharp, Russell, Keim, (...), Vannatta & Gerhardt	Grief and growth in bereaved siblings: Interactions between different sources of social support	SCOPUS
2018	7. Griese, Burns, & Farro	Pathfinders: Promoting healthy adjustment in bereaved children and families	SCOPUS
2018	8. Andrade, Mishima-Gomes & Barbieri	Luto e criatividade das crianças: a experiência de perder um irmão	SCOPUS
2018	9. Sousa & Oliveira	A criança diante da morte: desafios	CAPES
2017	10. Sousa Neto, Tarabay, Haas & Lourenço	Reflexões sobre a visita da criança durante a hospitalização de um ente querido na UTI adulto	CAPES
2017	11. Spuij, Prinzie & Boelen	Psychometric Properties of the Grief Cognitions Questionnaire for Children (GCQ-C)	SCOPUS
2017	12. Griese, Burns, Farro, Silvern & Talmi	Comprehensive grief care for children and families: Policy and practice implications	SCOPUS
2016	13. Gorosabel-Odriozola & León-Mejía	Educação pré-escolar para a morte: algumas linhas de ação para as escolas	SCOPUS
2015	14. Hernando, Gómez & Enríquez	Crianças diante da perda de um pai: revisão de diretrizes eficazes de comunicação	SCOPUS
2014	15. Gurgel & Lage	Atuação psicológica na assistência à criança com câncer: da prevenção aos cuidados paliativos	CAPES
2014	16. Simões	Quando a criança morre...	CAPES
2014	17. Aquino, Conti, & Pedrosa	Construções de significados acerca do adoecimento e morte nas narrativas de crianças com câncer	CAPES
2013	18. Menezes & Barbosa	A construção da "boa morte" em diferentes etapas da vida: reflexões em torno do ideário paliativista para adultos e crianças	CAPES
2012	19. Spuij, Reitz, Prinzie (...), Roos & Boelen	Distinctiveness of symptoms of prolonged grief, depression, and post-traumatic stress in bereaved children and adolescents	SCOPUS
2012	20. Gerhardt, Fairclough, Grossenbacher-Hogan & Vannatta	Peer relationships of bereaved siblings and comparison classmates after a child's death from cancer	SCOPUS
2011	21. Anton & Favero	Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros	CAPES
2011	22. Pessolato, Franco & Carvalho	Importância do cuidar no luto/ melancolia de crianças e adolescentes com moléstias degenerativas fora de recursos terapêuticos de cura	CAPES
2011	23. Lima, Botelho & Silvestre	Câncer infantil: aspectos emocionais e o sistema imunológico como possibilidade de um dos fatores da constituição do câncer infantil	CAPES
2011	24. Lima & Kovács	Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança	CAPES
2010	25. Cohn	A criança, a morte e os mortos: o caso me bengokré-xikrin	CAPES

Em contrapartida, Aberastury (2012/ 1982) afirma que, de modo oposto ao que se tende a pensar, a criança consegue sim assimilar a perda e se sensibiliza com esta realidade. Disso decorre que conversar com a criança, explicar a experiência da perda de maneira verdadeira é importante para que ela possa realizar o processo de luto de uma forma saudável, entrando em contato com o seu pesar diante a perda. É necessário dar respostas às curiosidades da criança com relação à morte, posto que o silêncio pode levá-la a reprimir seus sentimentos diante da notícia da perda de alguém com quem possuía vínculos afetivos (Weber, Alvariza, Kreicbergs & Sveen, 2019) e, ainda se refletir na forma de dificuldade de lidar com conflitos, tanto internos como externos, gerando distúrbios no comportamento (Borstmann, Breunig & Macedo, 2018). É preciso se atentar, inclusive, para o fato de que a não expressão da dor, por parte de adultos ou crianças, não significa que não a sintam, mas, muitas vezes, podem estar sofrendo e não lidando com isso de um modo saudável. Para o processo do luto elaborado é necessário que a criança vivencie os sentimentos que o luto lhe provoca e, para isso, ela deve ser encorajada a falar sobre as suas emoções, suas dores, seus medos, suas reflexões (Anton & Favero, 2011; Andrade, Mishima-Gomes, & Barbieri, 2018; Hernando, Gómez & Enríquez, 2015). As explicações devem ser dadas como forma de auxiliar a crianças a lidar com a culpa, que pode atrapalhar o processo do luto (Harris, 1991). Na morte de um dos pais, a comunicação familiar é um fator protetor para os filhos enlutados (Weber, Alvariza, Kreicbergs & Sveen, 2019). Falar sobre sentimentos e nomear as emoções são práticas importantes, que pode contribuir de forma benéfica para que a criança transforme uma

sensação traumática e incômoda em algo que ela consiga definir (Rocha & Barreto, 2015). O luto não tem definição própria para a infância e, na verdade, é um processo de pesar e sentir compartilhados em todas as fases do desenvolvimento humano. Por mais que a criança tenha como características a imaginação e a fantasia, isso não camufla a sua percepção da morte e a sua compreensão, pois sente o luto igual ou em maiores proporções que o adulto. Ainda que a criança não conheça a dimensão da morte, isso não impede que ela entenda que houve uma perda e que ela sinta a ausência da pessoa falecida. Mentir, omitir, colorir a morte com fantasias como viagens ou transformações da pessoa falecida somente tende a dificultar a vivência do luto. A linguagem tem um papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar/expressar sobre o tema morte de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sobre sua perda e, posteriormente, sobre os sentimentos que envolvem o luto (Aberastury, 2012/ 1982). Portanto, é importante que o processo de enlutamento seja vivenciado até ser elaborado, para que a dor da perda não fique reprimida e que seus impactos não se desdobrem em comprometimentos à saúde mental e emocional da criança. Em contrapartida, Aberastury (2012/ 1982) afirma que, de modo oposto ao que se tende a pensar, a criança consegue sim assimilar a perda e se sensibiliza com esta realidade. Disso decorre que conversar com a criança, explicar a experiência da perda de maneira verdadeira é importante para que ela possa realizar o processo de luto de uma forma saudável, entrando em contato com o seu pesar diante a perda. É necessário dar respostas às curiosidades da criança com relação à morte, posto que o silêncio pode levá-la a reprimir seus sentimentos

diante da notícia da perda de alguém com quem possuía vínculos afetivos (Weber, Alvariza, Kreicbergs&Sveen, 2019) e, ainda se refletir na forma de dificuldade de lidar com conflitos, tanto internos como externos, gerando distúrbios no comportamento (Borstmann, Breunig& Macedo, 2018). É preciso se atentar, inclusive, para o fato de que a não expressão da dor, por parte de adultos ou crianças, não significa que não a sintam, mas, muitas vezes, podem estar sofrendo e não lidando com isso de um modo saudável. Para o processo do luto elaborado é necessário que a criança vivencie os sentimentos que o luto lhe provoca e, para isso, ela deve ser encorajada a falar sobre as suas emoções, suas dores, seus medos, suas reflexões (Anton & Favero, 2011; Andrade, Mishima-Gomes, & Barbieri, 2018; Hernando, Gómez & Enriquez, 2015). As explicações devem ser dadas como forma de auxiliar a crianças a lidar com a culpa, que pode atrapalhar o processo do luto (Harris, 1991). Na morte de um dos pais, a comunicação familiar é um fator protetor para os filhos enlutados (Weber, Alvariza, Kreicbergs & Sveen, 2019). Falar sobre sentimentos e nomear as emoções são práticas importantes, que pode contribuir de forma benéfica para que a criança transforme uma sensação traumática e incômoda em algo que ela consiga definir (Rocha & Barreto, 2015). O luto não tem definição própria para a infância e, na verdade, é um processo de pesar e sentir compartilhados em todas as fases do desenvolvimento humano. Por mais que a criança tenha como características a imaginação e a fantasia, isso não camufla a sua percepção da morte e a sua compreensão, pois sente o luto igual ou em maiores proporções que o adulto. Ainda que a criança não conheça a dimensão da morte, isso não impede que ela entenda que houve uma perda e que ela sinta a ausência da pessoa falecida. Mentir, omitir, colorir a morte com fantasias como viagens ou transformações da pessoa falecida somente tende a dificultar a vivência do luto. A linguagem tem um papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar/expressar sobre o tema morte de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sobre sua perda e, posteriormente, sobre os sentimentos que envolvem o luto (Aberastury, 2012/ 1982). Portanto, é importante que o processo de enlutamento seja vivenciado até ser elaborado, para que a dor da perda não fique reprimida e que seus impactos não se dobrem em comprometimentos à saúde mental e emocional da criança.

Impactos do luto não elaborado na infância: Sobre os impactos do luto, quando não elaborado pela criança, a literatura consultada aborda prejuízos psíquicos e emocionais variados. Com a morte de pessoa com vínculo afetivo, mudanças de comportamento são compreendidas como parte do processo adaptativo, de reorganização interna e emocional da criança (Franco, 2014). No entanto, algumas crianças podem encontrar dificuldade em superar a situação de perda e, por isso, apresentam comportamentos exacerbados, como: choro excessivo e prolongado ao longo do tempo; birras frequentes e prolongadas; mudanças extremas de condutas e abstinência prolongada; mudanças no desempenho escolar; parassonias; apatia, falta de interesse ou motivação; insensibilidade; perda de peso e apetite; cefaleias frequentes, acompanhadas ou não por outras doenças; pensamentos negativos e prolongados sobre o futuro ou falta de interesse por ele (Pereira & Amaral, 2004). Na esfera afetiva, podem apresentar sentimentos de confusão, raiva, tristeza, medo de serem deixadas sozinhas e até mesmo de culpa pela morte da pessoa amada. Não é incomum apresentarem reações exageradas a situações de separação/afastamento temporário de pessoa próxima, excesso de choro, tristeza, alterações esfncterianas (Soares & Mautoni, 2013). Já na esfera ideativa, Spuij, Prinzie e Boelen (2017) consideram que os pensamentos negativos são um importante fator mediador no desenvolvimento do Transtorno do Luto Prolongado - TLP, uma síndrome que engloba sintomas debilitantes do luto. Os autores adaptaram uma medida adulta de pensamento negativo, elaborando o questionário para crianças, o *Grief Cognitions Questionnaire for Children* - GCQ-C, que evidenciou a importância do pensamento negativo no TLP em crianças e adolescentes. Stikkelbroek, Bodden, Reitz, Vollebergh e Baar (2015) afirmam que a morte de um dos pais ou irmão está associada a problemas de saúde mental em aproximadamente 25% das crianças afetadas. Em pesquisa longitudinal com 2.230 adolescentes que tiveram perdas por morte, os autores supracitados averiguaram mais problemas de ordem psíquica

no segundo ano após a ocorrência da morte; fato que merece ser levado ao conhecimento dos profissionais da área, diante do risco de agravamento dos problemas de saúde mental. Por meio deste estudo, também pode-se observar a questão tempo x morte, cujos resultados indicaram que o fator tempo não é amenizador do sofrimento pelo luto. Os estudiosos afirmam que, se não for dada a atenção no período pós morte, o sofrimento do luto pode gerar um quadro de transtorno psiquiátrico. Em estudo com adultos que perderam irmão durante a infância, Rostila, Berg, Saarela, Kawachi e Hjern (2019) concluíram que o aumento dos problemas de saúde psiquiátrica, após o luto, pode estar relacionado à perda fraterna. Acrescentaram ainda que as condições psicossociais da família, compartilhadas pelos irmãos na infância, podem explicar a associação entre a morte de irmãos e os cuidados psiquiátricos na idade adulta. Dessa maneira, apontam a necessidade do cuidado com a criança e com a família.

Corroborando, a pesquisa de Gerhardt et al. (2012) concluiu que os irmãos enlutados do sexo masculino e estudantes do ensino fundamental foram mais vulneráveis às dificuldades sociais. Referente ao desenvolvimento do luto traumático na infância, o Transtorno do Luto Prolongado – TLP, as pesquisas recentes trazem, por meio dos trabalhos de Burns et al. (2020), as relações entre as perdas por morte na infância e os níveis de sintomas de estresse pós-traumático, bem como as correlações entre a depressão e o TLP, com as contribuições de Spuij et al. (2017). Entretanto, em pesquisa anterior, Spuij et al. (2012) ressaltaram que o TLP é uma síndrome distinta. Também sugeriram que os sintomas desse transtorno devessem ser abordados na avaliação e no tratamento de crianças e adolescentes em luto que buscam ajuda após a perda. Em decorrência do acompanhamento de crianças refugiadas, Bowlby (2004/ 1985) discorreu sobre a possível propensão posterior, do órfão, em apresentar distúrbios psiquiátricos tais como: ideias reais de suicídio; alto grau de apego angustiada ou super-dependência e, também, condições depressivas graves, classificáveis como psicóticas. Dentre as reações expressas pela criança infeliz e enlutada, descreveu: o estado de angústia persistente; o medo de sofrer outras perdas e de morrer; o desejo de morrer com a esperança de se encontrar com o ente falecido; a acusação e a culpa persistentes; a hiperatividade expressa através de explosões agressivas e destrutivas; a compulsão por cuidar e a autoconfiança compulsiva; a euforia e a despersonalização; a predisposição a acidentes. Horowitz et al. (2003) distinguem quatro tipos de luto complicado: 1) Luto crônico caracterizado por duração excessiva, sem se chegar a uma conclusão satisfatória; 2) Luto tardio, em que é experimentada uma reação emocional insuficiente no momento da perda e os sintomas de luto são adiados, aparecendo posteriormente; 3) Luto exagerado, com intensificação dos sintomas do luto normal, em que a pessoa se sente sobrecarregada e recorre a um comportamento desadaptativo e; 4) Luto mascarado, quando a pessoa experimenta problemas físicos e emocionais que causam dificuldade em elaborar o luto, mas não os relacionam com a perda.

Rede de apoio à criança enlutada: Apesar da pouca experiência, a criança já possui capacidade para vivenciar e sentir a perda. No entanto, a sua concepção do processo está pautada na postura adotada por parte dos familiares. Estes devem dar atenção e acolhimento à criança enlutada de tal modo que, passado o período de luto, ela sintase segura e amada pelos integrantes da família (Nunes, 1998). É válido dizer que, se uma criança não souber que ocorreu uma morte de um ente próximo, certamente não poderá expressar sua dor, ainda que perceba que algo aconteceu por notar todos os que a cercam agindo de uma forma diferente (Kovács, 1992). A dinâmica do luto familiar tem forte influência no desenrolar do processo de luto, sendo que os recursos de enfrentamento empregados e as estratégias de cuidado à criança enlutada são decisivos no processo. Contudo, é preciso considerar que muito provavelmente as pessoas da família também enlutadas estejam também necessitando de auxílio (Franco, 2014). Quando o enlutamento familiar é pela perda de um filho/irmão, as crianças sobreviventes procuram o apoio emocional de seus pais. No entanto, como os pais também estão sentindo a dor da perda, não podem fornecer o aconchego emocional adequado e,

consequentemente, as crianças têm dificuldade em expressar suas emoções e dores (Andrade, Gomes & Barbieri, 2018). Assim, a ausência do diálogo, o bloqueio do espaço de expressão e escuta das dores, dos medos, das incertezas oriundas da perda fazem desaparecer a comunicação da criança ou suas manifestações aparecem mascaradas. Ao considerar que a família enlutada também se encontra fragilizada, torna-se importante a oferta de espaços outros, para que a criança possa manifestar e ter acolhidas as suas angústias. A escola e as interações que ela propicia se tornam um contexto de suporte para o momento de sofrimento da criança enlutada, conforme indicam pesquisas em âmbito nacional (Gorosabel-Odriozola & León-Mejía, 2016; Kóvacs, 2003; Paiva, 2011) e internacional (Howard Sharp et al., 2018; Griese, Burns & Farro, 2018; Horn & Govender, 2019) mencionadas neste artigo. As instituições educacionais têm desempenhado papel de importante rede de apoio à criança e à família, contudo, professores e funcionários destas instituições assinalam que não se sentem preparados para atender uma situação tão delicada, pois o tema morte é sempre visto como um tabu social e educacional (Paiva, 2011). Diante desses fatos, pesquisas feitas no Brasil propõem e defendem que seja feito um trabalho preventivo e de preparo para o enfrentamento do tema morte nas escolas; fala-se em educação para a morte ou para a vida (Gorosabel-Odriozola & León-Mejía, 2016; Kóvacs, 2003; Paiva, 2011). Corroborando essa questão, uma pesquisa efetuada na África do Sul (Horn & Govender, 2019) que indicou que 94,2% dos órfãos com idades entre 7 e 18 anos e sem o apoio dos pais ou familiares, muitas vezes, precisavam recorrer aos professores para obter auxílio, razão de a escola ser uma rede de apoio à criança enlutada. Aliás, com irmãos enlutados, os colegas e os professores facilitam o ajuste das crianças e estas podem se beneficiar de um apoio da escola, independentemente da idade (Howard Sharp et al., 2018). Também na África do Sul, a organização não governamental Vukuzakhe, observou a necessidade de um programa de luto nas escolas (Horn & Govender, 2019). Entretanto, é preciso que o espaço escolar esteja e se sinta preparado para acolher essa demanda, sendo a oferta de programas e protocolos de trabalho com funcionários da escola, professores e alunos.

Neste sentido, Gorosabel-Odriozola e León-Mejía (2016), ao defenderem a abordagem da morte como parte da educação pré-escolar, assinalam o protocolo de ação de perda e luto como recurso útil, abrangendo medidas preventivas e paliativas, para as quais uma boa educação sobre a morte é fundamental. Da mesma forma, Griese, Burns e Farro (2018) trazem contribuições relevantes ao apresentar e descrever o programa *Pathfinders*, cujo objetivo é o de atender, criativamente, às necessidades da criança e da família enlutada, por meio da realização de dez (10) sessões que ocorrem num ambiente comunitário. Ao defrontar com os resultados de pesquisas nacionais e internacionais, ficam evidentes os impactos do luto e, também, como são importantes os serviços de apoio à criança enlutada, quer seja na família, na comunidade e/ou na escola, sendo estes os espaços importantes para a identificação, o acolhimento e o suporte que ela precisa. No entanto, isso ainda tem ficado no campo das teorizações, mas merece ações de intervenção para suprir as demandas e diminuir as repercussões de perdas traumáticas no desenvolvimento infantil.

Considerações Finais

Acerca do luto na infância, os estudos demonstram que existe certo consenso entre os autores no sentido de que a morte de uma pessoa próxima, isto é, a quebra de um vínculo por razão de falecimento abala o mundo da criança e pode gerar sentimentos de dor, de culpa, de tristeza, de fúria, de falta de interesse pela vida, entre outros. Nas reações e modos como a criança irá se relacionar com a sua dor, ou não, as interações afetivas, a comunicação e a maneira como os familiares lidam com a morte tanto podem auxiliar no processo de elaboração da perda como podem ser dificultadores. Desta forma, torna-se inegável a importância da continuidade dos estudos, bem como de novas pesquisas, de intervenções preventivas na comunidade e nas escolas, da atenção a ser dispensada às famílias com diretrizes que não foquem somente na criança enlutada. Com base nas pesquisas selecionadas, foi possível observar o empreendimento de estudos de elaboração de protocolos, de manuais de intervenção e de

escalas voltadas para o luto de crianças e adolescentes, fato que teria um viés positivo, se for pensado em termos do caráter preventivo ao serem adotados os indicadores de risco.; mas, infelizmente, não é essa a situação. Dessa maneira, é plausível perceber a busca por uma padronização quantitativa do que é o luto e de quando pode ser um transtorno decorrente da sua não elaboração. Deve-se ter em conta que a forma como cada indivíduo vive o processo de luto atravessada por aspectos subjetivos, portanto vivências únicas, mas que também estão relacionadas ao coletivo social, englobando o tempo e a cultura; aliás, o luto é demonstrado também de modo particular, a depender de cada época e da localização geográfica. No atendimento às crianças que vivenciaram situações de morte de pessoa próxima é importante que o psicólogo tenha em conta os vários aspectos envolvidos na perda, na elaboração da mesma e em como ser continente para acolher a demanda. É necessário, também, que ele, o profissional, tenha a compreensão de que abordar e trabalhar com o tema morte é tarefa delicada, cercada de dor, receios e tabus e, ainda, ter consciência de que aliar o tema luto à infância gera produtos de proporções e complexidade maiores, visto que as reações comportamentais e afetivas da criança podem produzir um significativo impacto no seu desenvolvimento. A morte traz várias implicações e o reconhecimento do processo de luto na esfera psicológica da criança é um aspecto que não deve e não pode ser negligenciado pelos adultos. Mesmo o luto em crianças sendo um tema bastante debatido em estudos, com a pesquisa de revisão, é possível afirmar que ele ainda permanece atual, interessante e de uma importância que justifica continuar sendo pesquisado, pois é um campo aberto a muitas discussões e novas descobertas, considerando que é também um processo que reflete questões culturais e temporais.

REFERÊNCIAS

- Paiva, L. E. 2011. *Arte de falar da morte para crianças*. 4. ed. São Paulo: Ideias e Letras.
- Parkes, C. M. 1998. *Luto: Estudos sobre a perdanavida adulta*. M. H. F. Bromberg, trad.. São Paulo: Summus.
- Pereira, D. A. P., & Amaral, V. L. A. Raposo do. 2004. Escala de avaliação de depressão para crianças: um estudo de validação. *Estudos de Psicologia*, 21(1): 5-23. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000100001>
- Peres, U. T. 2003. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pessolato, A. G. T., Franco, M. J., & Carvalho, M. V. B. de. 2011. A importância do cuidar no luto/melancolia de crianças e adolescentes com moléstias degenerativas fora de recursos terapêuticos de cura. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 9(2): 229-246. Retirado de <http://dx.doi.org/10.5892/rurv.2011.92.229246>
- Rocha, M. V., & Barreto, J. B. M. 2015. A ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso. *Pesquisa em Psicologia/Anais Eletrônicos*. Universidade do Oeste de Santa Catarina. Disponível em https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555/4943.
- Rostila, M., Berg, L., Saarela, J., Kawachi, I., & Hjern, A. 2019. Experience of sibling death in childhood and risk of psychiatric care in adulthood: a national cohort study from Sweden. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 28(12), 1581-1588.
- Sengik, A. S., & Ramos, F. B. 2013. Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25 (2), 379-387. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/15.pdf>.
- Schubert, G. 2017. *O processo de não elaboração do luto e suas possíveis consequências*. Tese Mestrado - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio, Ijuí, RS.
- Simões, A. 2014. Quando a criança morre... *Revista Portuguesa de Pediatria*, 42(4):149-53. Retirado de <https://www.researchgate.net/publication/320169832>
- Soares, E. G. B. S., & Mautoni, M. A. de A. G. 2013. *Conversando sobre o luto*. São Paulo: Ágora.
- Sousa Neto, R. de, Tarabay, C. H., & Lourenço, M. T. C. 2017. Reflexões sobre a visita da criança durante a hospitalização de um ente querido na UTI adulto. *Revista da SBPH*, 20(1): 5-16. Retirado

- de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Sousa, A. da S., & Oliveira, J. H. A. de. 2018. A criança diante da morte: desafios. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 91: 157-160. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Spuij, M., Reitz, E., Prinzie, P., ..., De Roos, C., & Boelen, P.A. 2012. Distinctiveness of symptoms of prolonged grief, depression, and post-traumatic stress in bereaved children and adolescents. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 21 12, 673-679.
- Psychometric Properties of the Grief Cognitions Questionnaire for Children (GCQ-C)
- Mariken Spuij, Peter Prinzie, Paul A. Boelen J Ration Emot Cogn Behav Ther. 2017; 35(1): 60-77. Published online 2016 Apr 28. doi: 10.1007/s10942-016-0236-0PMCID: PMC5323485
- Stikkelbroek, Y., Bodden, D. H. M., Reitz, E., Vollebergh, W. A. M., & Baar, A. L. van. 2015. Mental health of adolescents before and after the death of a parent or sibling. *Eur Child Adolesc Psychiatry*. 25 1. DOI10.1007/s00787-015-0695-3
- Torres, W.C. 2012. *A criança diante da morte: desafios*. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Weber, M., Alvariza, A., Kreicbergs, U., & Sveen, J. 2019. Adaptation of a Grief and Communication Family Support Intervention for Parentally Bereaved Families in Sweden. *Death Studies*. Disponível em <https://doi.org/10.1080/07481187.2019.1661883>.
- Winnicott, C. 1989. D.W.W.: uma reflexão. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. 1994. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: Winnicott, D.W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. 2000. *Da Pediatria à Psicanálise*. Trad. Bogolometz, D. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1958
- Winnicott, D. W. 2005. A psicologia da separação. In: Winnicott, D. W. *Privação e delinquência*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes. Texto original publicado em 1958
- Worden, J. W. 2013. *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. 4ª ed. São Paulo: Roca
